

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890)

Mother, wife, adulteress, prostitute: the presence of bourgeois models of femininity in Desterro feuilleton novels in the 19th century (1871-1890)

Bruna Vitória Grando¹

Resumo: Este artigo busca investigar o(s) modelo(s) de feminilidade da elite burguesa que se formou na Desterro da segunda metade do século XIX e cujos códigos de distinção e de identificação, entre eles o registro de uma mulher ideal, estiveram presentes em romances-folhetins da época – fonte que, embora privilegiada no que se refere ao estudo da sociedade, permanece pouco explorada pelos estudos historiográficos. – O corpus dessa pesquisa considera os romances – todos de autoria masculina – *Lastênia* (1871), de Francisco Antonio Castorino de Faria, *Ibrantina* (1879), de Ernesto Nunes Pires, *A Mendiga* (1884), de José Prates e *A Leprosa* (1889) e *A Paixão do Jeremias* (1890), ambos de Horácio Nunes Pires.

Palavras-chave: Modelo de feminilidade; Elite burguesa; Desterro; Romance-folhetim.

Abstract: This article seeks to investigate the model(s) of femininity of the bourgeois elite that formed itself in Desterro in the second half of the 19th century and whose codes of distinction and identification, the record of an ideal woman among them, were present in novel-feuilletons – a source that, although privileged with regard to the study of society, remains little explored by historiographical studies. – The corpus of this research considers the novels – all written by men – *Lastênia* (1871), by Francisco Antonio Castorino de Faria, *Ibrantina* (1879), by Ernesto Nunes Pires, *A Mendiga* (1884), by José Prates and *A Leprosa* (1889) and *A Paixão de Jeremias* (1890), both by Horácio Nunes Pires.

Keywords: Model of femininity; Bourgeois elite; Desterro; Novel-feuilleton.

Introdução

No Brasil, o diálogo entre História e Literatura intensificou-se a partir da década de 1990.² O romance-folhetim, porém, salvo exceções, permaneceu pouco explorado na historiografia,³ embora possa constituir fonte privilegiada para entender a cultura e estética do século XIX, período do seu apogeu.⁴ Esse veículo nasceu na imprensa francesa da primeira metade do século XIX no pós-revolução burguesa de 1830.⁵ O seu aparecimento nas páginas

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: brugrando2010@gmail.com.

² MARTINS; CAINELLI, 2015, p. 3889.

³ ALMEIDA, 2012, p. 1

⁴ VIEIRA, 2019, p. 434.

⁵ NADAF, 2002, p. 17-18.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

dos jornais franceses se deu em um momento em que o jornal saía do círculo dos assinantes mais afortunados e democratizava-se junto à burguesia europeia, um novo público leitor composto por mulheres e homens que se formou com a revolução.⁶ Foi o proprietário do jornal *La Presse*, Émile de Girardin, junto a Dutacq, do jornal *La Sciècle*, que empreenderam o seu lançamento na parte inferior das páginas jornalísticas, ou seja, nos rodapés, a ficção em partes.⁷

Do *feuilleton*, em um primeiro momento espaço para artigos de crítica, crônicas e resenhas de teatro, de literatura, de artes plásticas, comentários de acontecimentos mundanos, piadas, e outras formas de entretenimento variadas, surgiu o *feuilleton-roman*, ou romance-folhetim que, em pleno movimento romântico, logo caiu nas graças do público e cujo reinado manteve-se, na França, até o começo do século XIX.⁸ Seus temas giravam em torno de “[...] amores contrariados, paternidades trocadas, filhos bastardos, heranças-usurpadas, todas elas seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões”⁹ e muitos dedicavam-se à temática feminina – a primeira ficção para rodapé, inclusive, foi *La Vieille Fille*, ou *A Solteirona*, de Honoré Balzac, publicada em 1836 no *La Presse*.

No Brasil, o início da circulação do romance-folhetim ocorreu ainda na década de 1830, com grande adesão do público-leitor. Embora não tenha atingido o nível de comercialização francês, sabe-se que do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, esse novo formato jornalístico espalhou-se para os demais jornais da capital e estendeu-se às demais províncias do país, alcançando até mesmo o interior dessas regiões, com um desempenho de produção jamais experienciado em solo brasileiro.¹⁰ De acordo com Cavalcante (2005), no Brasil a própria literatura culta era indissociável da literatura folhetinesca, uma vez que os jornais eram quase que os únicos meios de veiculação literária nos oitocentos nacionais.¹¹

Assim como no resto do Brasil, o romance-folhetim também chegou a Santa Catarina. Foi na capital da província onde alcançou maior visibilidade, embora jornais do interior, como o *Gazeta de Joinville*, também tenham publicado em formato de folhetim, como o romance *A Sepultura de Ferro* de Henrique Conscience, publicado entre 1877 e 1888.¹² De qualquer modo, para Muzart (1988), “escrever a história do romance em Santa Catarina é escrever a história

⁶ TEXEIRA, 2014, p. 92

⁷ GARCIA; FERREIRA, 2014, p. 108

⁸ NADAF, 2002, p. 18.

⁹ Ibidem, p. 21.

¹⁰ GARCIA; FERREIRA, 2014, p. 112-113

¹¹ CAVALCANTE, 2005, p. 66.

¹² GAZETA DE JOINVILLE, 1877.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

dos folhetins nos jornais de Desterro.”¹³ Com traduções francesas, publicações portuguesas e inúmeras ficções do circuito nacional brasileiro, os jornais desterrenses conheceram ampla publicação. Entre estrangeiros e nacionais, uma produção local de folhetins pode se desenvolver. A partir daí, um considerável número de romances folhetinescos escritos por desterrenses passou a ser publicada nos periódicos da ilha.

Segundo Pedro (1994), a segunda metade do século XIX marca a formação, em Desterro, de uma elite burguesa que criou para si própria códigos de distinção e de identificação, entre eles o registro de uma mulher ideal.¹⁴ Tendo em vista que, como argumenta Pesavento (2008), a literatura tem acesso “ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. [...] representa o real, é fonte privilegiada para a leitura do imaginário.”¹⁵ e que a camada letrada encontrava nos jornais formas de expor modelos idealizados para os novos sujeitos que se construía nessa sociedade em formação,¹⁶ buscarei na literatura folhetinesca da Desterro da segunda metade do século XIX, especificamente naqueles romances escritos por nativos e/ou radicados, modelos idealizados de feminilidade que marcavam não somente as páginas dos jornais, mas também o imaginário da elite burguesa masculina branca desterrense, em um momento em que o público leitor se ampliava e a figura da mulher ganhava destaque.

Os romances folhetinescos em Desterro, o público-leitor e modelos burgueses de feminilidade

A segunda metade do século XIX é um momento chave para a história de Santa Catarina e particularmente para a capital da província. A partir da década de 1850, a economia catarinense passou a integrar o circuito de comércio agroexportador brasileiro como exportadora para do mercado interno. O porto de Desterro teve papel central nessa exportação, o que contribuiu para a formação de uma classe de comerciantes, armadores, agenciadores e construtores de navios, que constituíram uma elite burguesa que produziu novos hábitos e comportamentos baseados em padrões europeus e cariocas.¹⁷ É neste contexto que o romance-folhetim passa a ter maior relevância em Desterro: foi em 1863 que ocorreu a publicação da primeira narrativa folhetinesca de autor desterrense, *Cenas da Vida de Estudante*, de Lacerda

¹³ MUZART, 1988, p. 56.

¹⁴ PEDRO, 1994, p. 24

¹⁵ PESAVENTO, 2008, p. 82-83.

¹⁶ MACHADO, 2001, p. 91.

¹⁷ PEDRO, 1995, p. 23-29.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

Coutinho, publicado em *O Despertador*. A publicação abriu caminho para uma produção nativa de nascidos e/ou radicados na Ilha que, nas páginas dos jornais da capital da província de Santa Catarina, tiveram espaço para publicar originais que ora voltaram-se para os cânones franceses, ora apresentaram autonomia em relação à matriz europeia, com apego ao cotidiano e grande observação da realidade local.¹⁸

Por ser lido no jornal, mais acessível pela moderação de preço, é certo que o romance-folhetim atingiu um público mais amplo do que a literatura comercializada em volumes. Quando falamos de uma cidade do porte de Desterro, na verdade, os jornais eram os veículos culturais de maior importância, uma vez que era o que a população alfabetizada da cidade de fato lia.¹⁹ O romance folhетinesco, nesse sentido, integrava o circuito de leitura dos leitores desterrenses, principalmente porque, por meio de práticas relativamente comuns no período, como a encadernação artesanal, podia chegar a novos públicos, fosse por empréstimos pessoais ou pela leitura coletiva, ainda que em âmbito familiar.²⁰

Com essa ampliação do público-leitor, novos sujeitos buscam reconhecer a própria história romanceada,²¹ sendo uma grande parte dele mulheres que se interessavam pela leitura de histórias de mulheres.”²² Não é à toa que considerável parte dos romances folhетinescos de Desterro segue uma tendência que se iniciou nos romances ingleses do século XVIII: títulos com nomes de mulheres ou adjetivos referentes ao feminino.²³ Nadaf (2002), ao compilar romances-folhetim da década de 1840 ao final do século XIX publicados nos jornais cariocas e de outras regiões do Brasil, observa fenômeno semelhante. O próprio marco do início da ficção do romantismo brasileiro no Brasil, *A Moreninha* (1844) de Joaquim Manuel Macedo, é um exemplo. Para a autora, esse dado caracteriza a busca por parte do autor da obra e do proprietário do jornal de um público leitor constituído também de mulheres.²⁴ Segundo ela, isso ocorre porque, no país, “[...] desde a Independência a figura feminina rompia paulatinamente o seu isolamento, conquistando a vitória das casas sobre as ruas [...] e isto mereceu uma atenção especial do autor de romance que chegou repetidas vezes a declarar o seu diálogo com essa nova mulher.”²⁵ Ora, é verdade que na Desterro da segunda metade do século XIX, o público-

¹⁸ MUZART, 1989, p. 61

¹⁹ PEDRO, 1994, p. 33

²⁰ GARCIA, FERREIRA, 2014, p. 114

²¹ CAVALCANTE, 2005, p. 68

²² VIEIRA, 2019, p. 429

²³ Ibidem, p. 429

²⁴ NADAF, 2002, p. 49-50

²⁵ Ibidem, 2009, p. 131.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

leitor era consideravelmente limitado: “em 1872, havia, no município de Desterro, 5.073 pessoas alfabetizadas; em 1890, este número crescera apenas para 7.011 [...]. Deste total, o número de mulheres alfabetizadas era menor do que o de homens.”²⁶ Mas, para além das já mencionados encadernações artesanais, os romances folhetinescos podiam também circular através das redes informais de comunicação que se estabeleceram entre as camadas populares da época.²⁷

Assim, foram consideráveis as personagens femininas que emprestavam seu nome às obras dos autores de Desterro. Alguns exemplos são: *Lastênia*, de Francisco Antônio Castorino de Faria, de 1871, publicado no jornal *O Cacique*; *Julieta*, de Horácio Nunes Pires, publicado em 1879 n’*O Artista*; *Ibrantina*, de Ernesto Nunes Pires, veiculado no jornal *Crepúsculo* entre 1887 e 1888 e *Margarida*, de Cruz e Sousa, de 1881, publicano n’*O Colombo*. Os adjetivos femininos também serviram de título para romances-folhetins da Ilha, como no caso de *A Mendiga*, de José Prates, de 1884 e *A Italiana*, de Horácio Nunes, de 1885, ambos publicados no *Jornal do Commercio* e *A Leprosa*, de Horácio Nunes Pires, divulgado também no *Jornal do Commercio* em 1889 e republicado pelo jornal *República* em 1996.²⁸

Para além de diversão para novos leitores e novas leitoras, porém, assim como os romances-folhetins europeus “[...] deveriam acatar a função de propagador dos valores da sociedade industrial urbana que se formava no [...] século XIX”²⁹ e no Brasil, principalmente na Capital, essas publicações deveriam estar alinhados à busca da criação de uma identidade nacional distanciada da antiga metrópole,³⁰ defendendo que na Desterro da segunda metade do século XIX, os romance-folhetim buscavam contribuir na regulação da conduta feminina. Pedro (1994) já mostrou como em solo desterreense “nas páginas dos jornais, eram reproduzidas imagens idealizadas de mulheres, onde se explicitavam formas que deveriam ser assumidas, bem como aquelas que deveriam ser evitadas.”³¹ Em minha análise, a literatura folhetinesca em Desterro do final dos oitocentos reforça essa idealização feminina, buscando representar e coibir comportamentos que iam contra o modelo que os homens da elite burguesa buscavam erigir para as mulheres. Ora, nessa sociedade

²⁶ PEDRO, 1994, p. 33

²⁷ Ibidem, p. 33

²⁸ Essas são somente algumas das obras, para uma exposição mais detalhada ver VIEIRA, 2019.

²⁹ GARCIA, FERREIRA, 2014, p. 127.

³⁰ Ibidem, p. 127

³¹ PEDRO, 1994, p. 35

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

Eram os homens que compunham o judiciário, que chefiavam a polícia, o exército, a administração, que decidiam sobre a educação, faziam sermões religiosos, votavam e eram eleitos, aqueles que participavam dos órgãos público-administrativos e eram, também, os redatores [...] dos principais jornais da cidade. Eles prescreviam as formas de ser “distinto” e “civilizado”.³²

Ou seja: era uma população masculina privilegiada que compunha a esfera pública em Desterro, enquanto às mulheres, ao menos aquelas que integravam a burguesia, ficava, via de regra, imposta a esfera privada. Diversos romances-folhetins que circularam na Desterro dos últimos dois quartéis do século XIX contribuíram para reforçar estereótipos de gênero e difundir imagens de mulheres que se aproximavam e distanciavam-se do modelo feminino que se buscava construir: da mulher filha, mulher mãe, mulher esposa, mulher doméstica. Os romances *Lastênia*, *Ibrantina* e *A Mendiga* são alguns exemplos de narrativas cujo comportamento feminino é tema de discussão.

Publicado n’*O Cacique* entre 08 de janeiro e 29 de abril de 1871, *Lastênia* foi escrito por Francisco Antonio Castorino de Faria, professor de instrução primária. Embora o enredo se passe em Botafogo e não em Desterro, o narrador-personagem do romance, que é narrado em primeira pessoa, afirma ser do estreito entre o continente e a ilha de Desterro. A história começa com o narrador-personagem, Antenor, conhecendo uma moça de encantadores cabelos pretos, que mais tarde irá se apresentar em carta como Lastênia. A moça, que desde muito cedo mostra ser irônica e sarcástica, desperta nele juízo negativo. O seu talento na conversação, porém, deixa-o admirado e ele continua visitando a jovem, além de trocar cartas e cortejá-la. Durante um passeio, eles encontram uma casa humilde e ela conta a história da família que nela morava e foi soterrada, passando a filosofar sobre a justiça divina, o que leva o narrador-personagem a criticá-la:

Li na alma de Lastenia neste dia uma pagina de impiedade que eu entrevira já de muito tempo quando ella me falhava calorosamente contra os padres em sua casa. Aquella observação não era só filosofica, era também impia ; *a mulher que a faz não podia ser boa esposa nem boa mãe* ; eu temi Lastenia, e associei a esta ideia, a das suas satiras e ironias pungentes que lhe manavão dos labios como setas ervadas de veneno ; lembrei-me tambem de uma vez que ella me dissera que, quando hia á missa, tomava seu livro entre as mãos para fazer que estava lendo ou rezando alguma coisa.³³ (grifo meu)

O folhetim termina em um momento pouco interessante da narrativa, com o célebre “continua” e permanece inacabado. No trecho acima, porém, é possível observar a percepção

³² PEDRO, 1994, p. 31

³³ FARIA, 1871, p. 1-2

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grandó

do narrador-personagem sobre ideias e comportamentos que Lastênia apresenta. Antenor desaprova quando a moça fala mal da doutrina católica e prontamente recorre à imagem da mulher-esposa e da mulher-mãe para repreender a ação, embora não o verbalize. Além disso, reprova as sátiras e ironias da moça, comparando-as a “[...] setas ervadas de veneno”. Lastênia pode ser digna de admiração por ter ideias próprias, mas as suas ideias nem sempre estão de acordo com a moral defendida pelo narrador-personagem. Ela não é meiga ou delicada e tem personalidade forte, então não é adequada para o papel de cônjuge ou de genitora. O referencial do narrador-personagem aparenta ser justamente o da mulher destinada à função de esposa, mãe e dona-de-casa que Pedro (1994) definiu como elegidos pela elite como padrão a ser seguido.³⁴

O romance-folhetim *A Mendiga*, por sua vez, de autoria de José Prates, foi publicado de 17 de janeiro a 3 de junho de 1884 n’*O Jornal do Commercio*, um dos principais jornais de Desterro. O enredo gira em torno de Elvira, uma mulher casada que cometeu adultério. Quando o caso se torna de conhecimento do público, o último a saber é seu marido, Arthur, que descobre quando o pai da mulher, Álvaro, resolve contar ao genro a infidelidade da filha. Expulsa de casa pelo marido, ela procura o pai que se nega a abrigá-la. No trecho a seguir, há um diálogo entre a mulher e seu pai:

— Que um estranho *desconfie da virtude de uma mulher*, vá, porque as opiniões... as opiniões são livres ; *mas que um pai suspeito de sua filha a ponto de julgal-la criminosa, é irrisorio*, causa mesmo repugnância !... Senhor, si foi verdadeiro o amor que outr’ora me tiveste, como dizeis, *não deveis alimentar semelhante suspeita que tanto me offende* e vos avilta. Lembrai-vos que sou vossa filha, que tenho o vosso sangue, e que, desconfiando d’aquella a quem destes o ser desconfiais de vós mesmo!
— Minha filha — soluçou o velho ajoelhando-se — não mintas, não finjas, fala a verdade, que aqui tens o coração de teu pai desejoso por perdoar-te, conduzindo-te ao bom caminho... Não prosigas n’esta estrada tortuosa que trilhas, *não deshonres as cãs d’este velho em vésperas de desaparecer do mundo...* Oh! tu de certo ignoras a dór terrível, acabrunhadora, que me corróe a existência... Por tua causa já me apellidam de louco... Tem compaixão d’este velho que te implora a ti, moça, forte, saudável, — caridade, filha, caridade!³⁵ (grifos meus)

É possível perceber como a virtude feminina e a honra masculina são valores importantes para as personagens. Valendo-se da categoria de gênero de análise cunhada por Scott (1992) – que argumentou como é impossível dissociar uma cultura das mulheres e uma cultura dos homens, pois um só existe e adquire significado em relação ao outro –,³⁶ Machado (2001) mostrou como, para além do modelo burguês de feminilidade, a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro também fazia parte da constituição dessa

³⁴ PEDRO, 1994, p. 28.

³⁵ PRATES, 1884, p. 02

³⁶ SCOTT, 1992, p. 87.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

sociedade a partir da década de 1850. Na Desterro da segunda metade do século XIX, esses modelos estavam intimamente ligados, uma vez que “[...] o isolamento das mulheres nas atividades de esposa, mãe e dona-de-casa tornou-se forma de distinção para uma classe abastada [...]”³⁷ e também para aqueles que desejam ascensão social, justamente os homens que compunham a esfera pública desterrense. Assim, o adultério da mulher não somente ia contra a imagem da mulher ideal, como também afrontava o próprio modelo burguês de masculinidade.

Em *A Mendiga*, o amante mostra-se um interesseiro e Elvira acaba ficando pobre e passa a viver precariamente com a filha – fruto do romance extraconjugal – e uma amiga. O pai da personagem suicida-se de desgosto e deixa uma herança que só deverá ser entregue à Elvira caso ela se arrependa. E de fato isso acontece: “*Elvira reconheceu o seu erro e, se feio foi seu crime, sublime o seu arrependimento.*”³⁸ Mesmo assim, o romance termina com a mulher vivendo nas ruas, pedindo esmola. Isso porque, quando fica sabendo da herança, o amante a procura e ela entrega todo o dinheiro para que ele vá embora. Assim, mesmo arrependida, o seu destino é o infortúnio.

O adultério é também uma das temáticas do romance-folhetim *Ibrantina*, de Ernesto Nunes Pires, publicado no jornal *Crepúsculo* em 1888. Com relação a esse texto, parte do romance não é possível de ser encontrado na Hemeroteca de Santa Catarina ou em outro acervo, então é provável que tenha se perdido.³⁹ Na versão atualmente conhecida, a narrativa apresenta Ibrantina, esposa de Alfredo e que cometeu adultério com seu cunhado, Rogério, casado com Rosalina. Rogério cometeu uma série de crimes, que são descobertos por sua esposa através de correspondências que trocava com Ibrantina. A fim de se vingar, Rosalina entrega os amantes para a polícia e ambos acabam presos. Na cadeia, Ibrantina acaba por se arrepender, mas, como mostra o trecho a seguir, não por acobertar os crimes de seu amante, mas sim por sua traição:

Que vida, meu Deus! Quantos tormentos, quantos vexames tenho passado, quantas noites tenho levado chorando, e por que? Por causa da minha leviandade. *Não choro os dias felizes de outr’ora, não choro por estar n’esta masmorra, mas sim por tão vilmente ter deshonrado meu marido e depois querer assassina-lo!*

Como mudaram-se os tempos. Como eu era feliz e dictosa... E hoje o que sou? *Uma mulher perdida!... uma mulher sem dignidade, uma sentenciada! Mas, Deus é justo e bondoso e não permitirá que eu viva mais tempo.* E Alfredo, o que será feito d’ele? Não mais o vi desde o fatal dia, em que fui denunciada á polícia como mulher adúltera... *Elle tem razão.... não quer vêr-me... porque eu sou.... uma perdida... uma*

³⁷ PEDRO, 1994, p. 28

³⁸ PRATES, 1884, p. 02

³⁹ VIEIRA, 2019, p. 60

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grandó

mulher infame... sem dignidade e honra !... Meu Deus! piedade, eu morro... falta-me o ar !... ah!...
Seu corpo vacilou por alguns momentos e por fim cahio. Estava morta.⁴⁰ (grifos meus)

O seu arrependimento, porém, não a livra de acabar morta no romance. Como argumenta Vieira (2019), neste contexto “a infidelidade feminina era desde sempre condenada pela sociedade e castigada pelas leis divinas. À mulher infiel, o destino reservava sempre a fatalidade.”⁴¹

De autorias masculinas, os três romances-folhetins veiculam referências de modos e condutas que devem ser evitados pelas moças e mulheres da burguesia desterrense. Se Lastênia é vista como uma má escolha para esposa e mãe, Elvira e Ibrantina são, de fato, as mulheres desvirtuadas, más esposas e/ou filhas, as infiéis que acabam as narrativas em desgraça. Para uma, resta a vida nas ruas a depender de esmolas; para outra, a morte. É interessante notar, porém, que o amante de Elvira não conhece o mesmo destino que ela: vai embora com a fortuna que ganhara da mulher. Levando em consideração que os romances-folhetins publicados em jornais eram “[...] veículo de transmissão do cotidiano, das permanências culturais e das ideias e ideologias de uma época”,⁴² me parece possível afirmar que essas personagens foram retratadas como exemplos a não serem seguidos para as mulheres da burguesia que quisessem ser respeitadas socialmente. A consequência de não seguir a moral e os bons costumes era a infelicidade e a fatalidade.

Horácio Nunes Pires, os romances folhetinescos e o ideal de mulher burguesa

Um dos autores que mais contribuiu para a cena do romance-folhetim em Desterro foi Horário Nunes Pires. Nascido em Matacavalos, no Rio de Janeiro, Pires radicou-se em Desterro em 1866, onde dedicou-se à criação de diversas peças teatrais, romances e romances-folhetins. Entre os seus romances-folhetins estão *A Italiana* de 1885, *D. João de Jaqueta* publicado a partir de 16 de janeiro de 1887, *A Leprosa* de 1889 e *A Paixão do Jeremias* veiculado entre 13 e 22 de outubro de 1890, todos no *Jornal do Commercio*, e *Julieta* que, como já mencionado, foi publicado em 1879 n’*O Artista*.

Em *A Leprosa*, a narrativa apresenta Jorge, um homem puro, que conhece Margarida, uma jovem prostituta bastante conhecida na cidade que seduz o rapaz e, mentindo que o ama, lhe extorpe financeiramente, abandonando-o quando suas economias acabam. Quando

⁴⁰ PIRES, 1888, p. 4

⁴¹ VIERIA, 2019, p. 47

⁴² MORGA, 2013, p. 33.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grandó

Margarida adocece, porém, todos os seus amigos somem, restando a Jorge servir de enfermeiro para a mulher. Ao recuperar-se, entretanto, Margarida se afasta dele, retornando para a vida de orgias até que novamente é acometida pela lepra, que dá título à obra. O bom moço a encontra em um albergue caindo aos pedaços e, novamente, compadecido da situação, cuida da enferma. Apesar dos cuidados, a mulher não resiste e acaba morrendo. Ele providencia o enterro e é o único a comparecer e a rezar por ela. É interessante notar como já nas primeiras linhas do romance, o narrador, em terceira pessoa, onisciente, oferece um juízo de valor sobre a personagem feminina:

Podia ser um anjo; mas foi o demonio; podia ter em cada coração levantado um altar de symphatia e de respeito, mas teve apenas desprezo, o ódio, o sarcasmo, o insulto até.

[...] Amava a todos, e a todos dizia-o, impudentemente, com o admirável cunho de verdade com que *somente mulheres como ela* sabem colorir a fraude mais grosseira, no meio de um sorriso de perolas e de suspiros de paixão.

[...] *Ninguém a amava*; pediam-lhe unicamente o que ella podia dar: o amor simulado, o sorriso venal, o afago lubrico, o beijo a tanto cada um; mais nada.⁴³ (grifos meus)

Ora, como já mencionei, quando falamos da elite que compõe a esfera pública da sociedade desterrense da última metade dos oitocentos estamos falando de uma população masculina. Eram os juizes, oficiais, diretores, padres, eleitores, eleitos e escritores que “[...] prescreviam as formas de ser ‘distinto’ e ‘civilizado’, que incluíam modelos idealizados para mulheres, segundo os quais estas deveriam restringir-se aos papéis familiares.”⁴⁴ Ou seja: às mulheres restava a esfera privada, o doméstico, o cuidado da família. A prostituta Margarida desafiava os limites sociais pré-estabelecidos pelos homens da burguesia: não era a mulher reclusa do âmbito privado, mas que estava nas ruas, no espaço público. A imagem que o texto constrói é de uma jovem que rechaça as instituições do casamento e da família; é interesseira, imprudente, mentirosa. A última passagem do folhetim, quando Margarida enfim sucumbe à doença, expressa esse lugar ocupado pela “mulher da vida”:

Estava morta.

E o corpo da leprosa foi acabar debaixo da terra a decomposição que já a deformava em vida.

E de tantos amigos que ella tivera, só Jorge – o unico que fora deprezado, – acompanhou o modesto esquife que conduzia o cadaver de Margarida; só Jorge ajoelhou sobre a terra revolvida da sepultura da pecadora, e fez uma oração pela desgraçada.⁴⁵ (grifos meus)

⁴³ PIRES, 1889a, p. 8

⁴⁴ PEDRO, 1994, p. 31

⁴⁵ PIRES, 1889b, p. 3

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

A passagem “*foi acabar debaixo da terra a decomposição que já a deformava em vida*” é bastante significativa: ao mesmo tempo em que pode ser lida como decomposição pela enfermidade que acometia Margarida, a lepra, uma doença que causa grandes lesões cutâneas, também é passível de ser interpretada como decomposição pelo estilo de vida que a personagem levava, o oposto daquele imaginado para a mulher ideal burguesa. Daí o seu destino: por desafiar esse modelo, Margarida acaba enferma e à beira da morte, tendo que contar com a bondade do sujeito que enganara. E assim como Ibrantina, mesmo que arrependida de seus atos, acaba sem vida ao final do romance. A história ecoa um célebre folhetim publicado pouco menos de duas décadas antes, *Lucíola* (1862) de José de Alencar. Na narrativa, a jovem Lúcia é inicialmente uma prostituta. Diferente de Margarida, porém, em determinado momento ela “[...] submete-se ao discurso dominante e torna-se o modelo de mulher ideal.”⁴⁶ Para além das páginas de folhetins desterrenses, e influenciando esta produção, a valorização de um modelo burguês de feminilidade já figurava em narrativas nacionais, que funcionavam como “[...] arquétipos que apontam toda sua carga significativa para a estabilidade da família e para a consolidação da identidade da Pátria.”⁴⁷

Já outro trabalho do autor, *A Paixão do Jeremias*, uma comédia em um ato adaptada para o formato de folhetim, aborda o tema do casamento por conveniência. As personagens principais são João Silva, um rapaz imberbe que tem medo de mulheres, Jeremias, o criado – que dá nome à peça –, Elvira, uma jovem “um tanto emancipada”⁴⁸, e seu pai, Macário de Souza, um velho ambicioso que queria casar a filha com um homem rico. O enredo se desenrola em um jantar oferecido por Macário para propor João se casasse com Elvira. No convite, porém, o velho diz ao rapaz que que não haveria mulheres em casa; mas ao chegar, João depara-se com Elvira, que o esperava para surpreendê-lo e rir às custas do rapaz. Ao deparar-se com a moça, João se desespera e reluta em aceitar os afagos da moça, mas acaba aceitando. A jovem propõe casamento e ele aceita. Jeremias, o serviçal apaixonado por Elvira, ao saber da notícia fica triste e chora muito, mas recupera-se e canta uma canção a pedido de Macário. A narrativa tem um tom satírico, com personagens que beiram o ridículo, mas também traz uma dimensão exemplar: enquanto o personagem de João representa a antítese do modelo de masculinidade da burguesia de Desterro,⁴⁹ Elvira representa a moça que atende ao desejo do pai e casa-se com

⁴⁶ MOREIRA, 2012, p. 63

⁴⁷ RIBEIRO, 1996, p. 103.

⁴⁸ PIRES, 1890a, p. 3

⁴⁹ O mesmo acontece com o personagem de Romualdinho do romance *D. João de Jaqueta*, publicado em formato de folhetim no *Jornal do Commercio* em 1877, também da autoria de Horácio Nunes Pires, como apontou Machado (2001, p. 101).

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

o pretendente por ele escolhido e cura João do seu medo de mulher, mas sem abandonar os “bons costumes” de moça virtuosa, como fica explicitado no trecho subsequente:

[...] Elvira — Não tem raiva de mim; não ?
 João — Raiva !... Agora sou eu que tenho gana de abraçar-a...
 Macário — Pois abracem-se. Sem cerimonia. D’aqui a quinze dias caso-os.
 João — A menina me dá um abraço ?
 Elvira — Nada ; não, Sr. Guarde isso para depois. Como já está atrevido !
 João — A culpa é sua. Eu não sabia que era tão bom estar pertinho das moças !...⁵⁰

Ora, assim como outros escritores e jornalistas da época, Horácio Nunes Pires “[...] ocupou vários cargos públicos, dentre eles o de inspetor geral da Instituição Pública, o que lhe dava certa credibilidade e fazia com que seus escritos encontrassem ressonância na sociedade.”⁵¹ Assim, em sua ficção, enquanto Margarida aparece como um modelo de feminilidade a ser evitado, Elvira, embora de forma cômica, é apresentada como uma mulher culta, mas que ainda assim conforma-se com o casamento arranjado pelo pai e com o papel de esposa, adequando-se ao papel da mulher idealizado pela elite burguesa da época. Os seus romances folhetinescos, nesse sentido, assim como aqueles apresentados anteriormente, “[...] se revelaram como instrumentos estratégicos junto aos anseios da elite para remodelar as práticas de sociabilidade da população e especificamente da mulher em Nossa Senhora do Desterro, no século XIX.”⁵²

Muito embora seja difícil saber como esses romances folhetinescos eram lidos, como eram vividas as experiências do cotidiano e até que medida influenciavam nessas vivências sem buscar outras fontes como relatos judiciais, correspondências, acervos pessoais etc., é possível visualizar, nas páginas desses folhetins, os esforços dessas narrativas escritas por homens nesse sentido.

Considerações finais

Através do estudo de romance-folhetins publicados na Capital da província de Santa Catarina entre 1871 e 1890, observei nesses veículos estavam difundidos modelos de comportamento moral. De autoria masculina, nas páginas de folhetins de nascidos e/ou radicados em Desterro, as personagens femininas eram representadas ora como referência de conduta a ser seguida, ora como o seu inverso: Elvira d’A *Mendiga*, Margarida de d’A

⁵⁰ PIRES, 1890b, p. 3.

⁵¹ MACHADO, 2001, p. 32.

⁵² MORGA, 2013, p. 23.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

Leprosa, Ibrantina e Lastênia de romances homônimos, respectivamente, todas configuram exemplos de mulheres que vão contra a idealização da elite burguesa masculina e branca da época. Não é à toa que, entre as três primeiras, nenhuma teve final feliz. Já à Lastênia, pelo fato de o romance estar incompleto, não se sabe o que aconteceu. Pode ser que tenha ficado com o narrador-personagem Antenor, que carregava consigo uma mexa de cabelos negros como da moça, mas pode ser que não. Mas se o fizesse, seria exceção à regra, pois o próprio diz que dela não sairia boa esposa ou boa mãe. Elvira d’*A Paixão de Jeremias*, mesmo que emancipada, aceita a imposição de casar-se como queria seu pai, em conformidade com o modelo de mulher-esposa, que honra a família. O seu caráter emancipado, inclusive, podia ser justamente uma tentativa de tematizar as novas leitoras que consumiam essa forma de literatura, mas sem abandonar o modelo de feminilidade burguês da época.

Se, como afirma Pedro (1994), parafraseando Mikhail Bakhtin, “[...] os textos que os jornais reproduziam não eram apenas reflexos, ‘uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade’”⁵³, com os romances folhetinescos não era diferente, ao menos não ao que se refere na tentativa de lançar mão do modelo de feminilidade imaginado pelos homens burgueses da época. Em Desterro, os autores de romances-folhetins, homens como um Horácio Nunes Pires, funcionário do poder público com prestígio social e integrante dessa burguesia desterrense, usavam desses espaços para promoverem imagens idealizadas da mulher burguesa, contribuindo para valorizar-se os papéis femininos, como apresentou também Pedro (1994), das “seis palavras”: mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó⁵⁴. Essas romances-folhetins estavam em sintonia com publicações anteriores, como os já mencionados *A Moreninha* (1844) de Macedo, e *Lucíola* (1862), assim como *Senhora* (1875) – ambos de José de Alencar – que, seguindo o projeto da ficção romântica no Brasil já expressavam a necessidade da adequação ao ideal burguês nas páginas de jornais⁵⁵, circulando e influenciando a produção das províncias.

Na materialidade, outras vivências femininas foram experienciadas: aqui não me propus falar da mulher das camadas populares, das escravizadas e libertas, e outras personas femininas que habitavam Desterro na segunda metade do século XIX. E é verdade que mesmo entre as mulheres que estavam mais próximas à elite outras experiências podem ser relatadas: é o caso de Delmilda Silveira de Souza (1854-1932), professora e escritora que foi assídua colaborado

⁵³ PEDRO, 1994, p. 38

⁵⁴ Ibidem, 1994, p. 17

⁵⁵ MOREIRA, 2012, p. 41

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grandó

de *A Mensageira*, revista lançada na cidade de São Paulo em 1897. É certo que, para além dos rodapés, há muita história a se explorar.

Referências

ALMEIDA, Wilson Filho Ribeiro de. Teixeira e Sousa e o folhetim na historiografia literária brasileira. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 8, n. 3, p. 1-18, 13 dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/332>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CAVALCANTE, Maria Imaculada. Do romance folhetinesco às Telenovelas. **Opsis**, [S.], v. 5, n. 1, p. 63-74, 31 mar. 2010. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/o.v5i1.9407>.

GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do Correio Paulistano. **Revista da Anpoll**: [S. l.], v. 1, n. 36, p. 105-131, 201410.18309/anp.v1i36.721.

GRANJA, Lúcia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. **Floema**, Vitória da Conquista, v. 7, n. 9, p. 147-158, jun. 2011.

MACHADO, Vanderlei. Honra e conduta: em busca da construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro. (1850-1894). In: BRANCHER, Ana; AREND, Sílvia M. F. (org.) **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis, UFSC, 2001. p. 85-104.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso da literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 7., 2015, Maringá. Anais [...]. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. p. 3889-3901. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 20, p. 17-36, dez. 2018.

MOREIRA, Greiciellen Rodrigues. **Representações femininas e identidade nacional: uma leitura alegórica de Lucíola e Senhora, de José de Alencar**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2012.

MORGA, Emílio Antônio. Comportamento Afetivo Feminino: a mulher na imprensa e na literatura desterrense no século XIX. **Tema de Mujeres**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 15-36, 2013.

MUZART, Zhaidé. O folhetim no Desterro em relação ao modelo francês. **Travessia Brasil-França**. Revista de Literatura Brasileira, n. 167-8, UFSC, p. 56-66, 1988-9.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim no Brasil: um percurso histórico. **Letras**: Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119-138, jul. 2009.

PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In: *Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994, p. 17-50

RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas?. **IRIS**, Recife, v. 1, n. 1, p. 32-42, jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/IRIS/article/view/248117>. Acesso em: 14 mar. 2022.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de papel**: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói: EDUFF, 1996.

SALES, Germana Maria Araújo. A Literatura e a cultura de massa: um percurso pelo século XIX. In: XIII ENCONTRO DA ABRALIC, 13., 2012, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: UFCG, 2012. p. 1-6.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da História**. São Paulo: Unesp, 1997.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. Antologia do romance-folhetim: (1389-1870). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997, 245p

TEIXEIRA, Cristiane Garcia. O uso da literatura folhetinesca na pesquisa histórica – uma possível contextualização da fonte. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 6, n. 12, p. 91-103, dez. 2014.

VIEIRA, César Cordeiro. Um passeio pelos folhetins da Desterro. 2019. 821 f. Tese (Doutorado em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204392>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Fontes:

CONSCIENSE, Henrique. A Sepultura de Ferro. **Gazeta de Joinville**, 22 de junho de 1877, Joinville. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=711608&pagfis=67>. Acesso em: 12 de mar. de 2022.

FARIA, Francisco Antonio Castorino de. Lastênia. **O Cacique**, 01 de abril de 1871, Desterro. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20Cacique/CAC1871035.pdf>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

PIRES, Ernesto F. Nunes. Ibrantina. **Crepusculo**, 18 de junho de 1888, Desterro. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/crepusculo%20desterro/OCRE1888009.pdf>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

PIRES, Horácio Nunes. A Leprosa. **Jornal do Commercio**, 09 de abril de 1899a, Desterro. Disponível em:

Mãe, esposa, adúltera, prostituta: a presença de modelos burgueses de feminilidade em romances-folhetins da Desterro no século XIX (1871-1890) – Bruna Vitória Grando

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/JornaldoComercio/1889/JDC1889040.pdf>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

PIRES, Horácio Nunes. A Leprosa. **Jornal do Commercio**, 18 de abril de 1889b, Desterro. Disponível em:

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/JornaldoComercio/1889/JDC1889048.pdf>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

PIRES, Horácio Nunes. A Paixão do Jeremias. **Jornal do Commercio**, 03 de outubro de 1890a, Desterro. Disponível em:

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/JornaldoComercio/1890/JDC1890184.pdf>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

PIRES, Horácio Nunes. A Paixão do Jeremias. **Jornal do Commercio**, 22 de outubro de 1890b, Desterro. Disponível em:

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/JornaldoComercio/1890/JDC1890200.pdf>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

PRATES, José. A Mendiga. **Jornal do Commercio**, 02 de março de 1884, Desterro.

Disponível em:

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/JornaldoComercio/1884/JDC1884052.pdf>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.